

JOVENS UNIVERSITÁRIOS E INTERCÂMBIO ACADÊMICO

Daniela Zanrosso Bett

Monografia apresentada como requisito parcial do Curso de Especialização
em Psicologia - terminalidade Terapia Cognitiva e Comportamental,
sob orientação do Prof. Dr. Marco Antônio P. Teixeira.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia - Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Porto Alegre, Março/2012

SUMÁRIO

Resumo	5
Capítulo I – Introdução	6
Capítulo II – Método	16
2.1 Participantes.....	16
2.2 Instrumentos.....	16
2.3 Delineamento	17
2.4 Procedimentos	17
2.5 Análise dos dados	17
Capítulo III – Resultados	18
Capítulo IV – Discussão	24
Referências	27
Anexos	
Anexo A	29
Anexo B	32
Anexo C	33

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.

Motivações para a Realização do Intercâmbio 18

Tabela 2.

*Categorias de Dificuldades e Desafios Antecipados e Habilidades
Necessárias* 20

Tabela 3.

*Tipos de Motivações: Acadêmicas, de Crescimento Pessoal e de
Lazer*..... 22

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1.

The Developmental Model of Intercultural Sensitivity (DMIS) 12

RESUMO

Observa-se na sociedade atual a oferta cada vez maior de possibilidades de intercâmbio para outros países e, ao mesmo tempo, o aumento da procura desse tipo de experiência pela população jovem adulta. Este estudo objetivou descrever as motivações de um grupo de estudantes universitários para a realização de intercâmbio acadêmico internacional, assim como investigar se estes estudantes anteviam possíveis desafios ou dificuldades na adaptação ao país de destino e se percebiam-se preparados para lidar com essas dificuldades. Para tal, utilizou-se um instrumento desenvolvido especialmente para esta pesquisa. Os resultados deste estudo sugerem que, no momento anterior à viagem, os estudantes não têm clareza em relação ao que buscam com o intercâmbio e, a partir disso, diversas são as conseqüências. A pesquisa aponta a importância de as instituições universitárias oferecerem aos futuros intercambistas um espaço de preparação para a experiência, como treinamentos interculturais, a fim de que os ganhos provenientes do intercâmbio sejam maximizados.

Palavras-chave: Intercâmbio acadêmico, objetivos, dificuldades, habilidades de enfrentamento.

ABSTRACT

It's noticeable how study abroad experiences are becoming accessible in our society, and how bigger is the search for this type of experience within the young adult population. This study aimed to describe the motivations of a group of university students to study abroad, as well as to investigate if these students could predict challenges and difficulties in adapting to the host country – and if they could see themselves prepared to deal with these difficulties. An instrument was developed specially for this study. The results suggests that, before travelling abroad, students are not sure of their goals with the experience of living abroad and, therefore, this has many implications. Because of this, the study emphasizes the importance of offering students intercultural training previous to the travel, to maximize possible benefits of the experience.

Key-words: academic year abroad, goals, difficulties, coping abilities.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Atualmente, é possível observar na sociedade uma oferta cada vez maior de possibilidades de intercâmbio para outros países – e, ao mesmo tempo, o aumento da procura dessa experiência por parte da população jovem adulta. De acordo com material elaborado pelo Ministério do Turismo (2010), dados da UNESCO (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*) sugerem que, dos atuais 100 milhões de estudantes de nível superior no mundo, três milhões estão em mobilidade no exterior, e a previsão é a de que, em uma década, esse número chegue a 10 milhões.

De acordo com Sebben (2007), o que hoje se conhece como intercâmbio tem início antes do nascimento de Cristo, quando jovens partiam para a Grécia a fim de aprofundar seus estudos e, dessa forma, poder voltar para seus povos e ajudá-los. Ao longo do tempo, esse tipo de viagens aumenta, juntamente com o desenvolvimento dos transportes e da comunicação, na era da Revolução Industrial. Segundo a autora, é possível distinguir três momentos históricos em relação aos intercâmbios: o primeiro com o objetivo e preocupação voltados exclusivamente à formação acadêmica; o segundo, com objetivo ampliado da educação formal para um “*international understanding*”¹; e o terceiro, da atualidade, onde há uma volta à preocupação com a educação formal (Sebben, 2007).

Para Stallivieri (2009), diferentemente do que acontecia na Idade Média, atualmente existe uma possibilidade maior de inserção no Ensino Superior, maior mobilidade entre os atores envolvidos, juntamente com uma maior velocidade com que circulam as informações. Segundo a autora, atualmente há um aumento crescente de participação em diferentes modalidades de programas educacionais, já que

¹ Expressão que pode ser traduzida como “compreensão internacional”, e que, segundo Sebben (2007), se refere aos objetivos tidos pelos intercambistas no pós-guerra, que visavam a compreensão e a aproximação entre os povos.

A formação em nível de graduação ou de pós-graduação, com complementação no Exterior, passou a ser muito valorizada em função do novo perfil profissional que está sendo solicitado pelo mercado. Esse profissional, para tornar-se competitivo e buscar melhores colocações no mercado de trabalho, precisa qualificar seu currículo e, além de desenvolver as competências específicas de sua área de conhecimento, necessita apresentar também: excelente domínio de línguas estrangeiras, fácil adaptabilidade em outros países, boa convivência com estrangeiros, bem como ter o entendimento e a aceitação de outras formas de cultura, desenvolvendo, dessa forma, sua inteligência cultural. (p.12)

Inseridos no contexto mundial atual, os intercâmbios, enquanto migrações, estão sob os efeitos do fenômeno da globalização. De acordo com o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2001), a globalização é o “processo pelo qual a vida social e cultural nos diversos países do mundo é cada vez mais afetada por influências internacionais em razão de injunções políticas e econômicas” (p. 1457). Arnett (2002) também destaca a globalização como processo, onde culturas diferentes se influenciam mutuamente e tornam-se parecidas por meio de trocas, imigrações e troca de informações e idéias. Para Martine (2005), a globalização, através de seu caráter multidimensional, produz, além do “crescente predomínio dos processos financeiros e econômicos globais sobre os nacionais e locais” (p.4), impactos políticos, culturais, sociais, ambientais e demográficos que, graças às facilidades atuais de transporte, comunicação e informação, se transformam rapidamente. Complementando tal idéia, Giddens (2001) traz a noção de globalização como algo que está próximo do indivíduo, e que não diz respeito somente a grandes sistemas, como o financeiro, por exemplo. “É um fenômeno interior, que influencia aspectos íntimos e pessoais das nossas vidas” (p.23).

Segundo Martine (2005), a globalização tem grande impacto nas migrações atuais, uma vez que, aumentando a quantidade de informações sobre as diferentes oportunidades de vida em países industrializados, faz com que seja cada vez maior a vontade dos indivíduos de migrar. Assim, o autor atenta para o fato de que, com a globalização, os indivíduos não mais estão restritos a

uma cidade, estado ou país, mas têm o mundo como horizonte. “O migrante vive num mundo onde a globalização dispensa fronteiras, muda parâmetros diariamente, ostenta luxos, esbanja informações, estimula consumos, gera sonhos e, finalmente, cria expectativas de uma vida melhor” (Martine, 2005, p.3).

A migração temporária, realizada pelo estudante que realiza parte de seus estudos no exterior, é citada por Dreher e Puotvara (2005) numa diferenciação das migrações permanentes, sobre as quais tratam a maior parte dos estudos. Além de serem migrações temporárias, são também migrações voluntárias, conforme cita Sebben (2000), destacando que não existem fatores como guerra ou fome, por exemplo, que obriguem esses indivíduos a migrar. A migração, então, é uma escolha baseada em objetivos pessoais. Para Reis (s.d), porém, apesar da característica temporária de sua migração, o estudante migrante não pode ser comparado a um turista ou a algum profissional que precise se deslocar pelo mundo em curtos espaços de tempo, já que, em sua experiência, será necessário criar novos laços, conviver com novos costumes e novas culturas.

De acordo com Stallivieri (2009), outro efeito da globalização é a própria internacionalização das universidades, uma vez que as comunidades acadêmicas acabam inseridas em congressos, publicam trabalhos em revistas internacionais, e, é claro promovem programas de intercâmbio etc. Assim, a mobilidade acadêmica internacional, mesmo que presente ao longo da história, tem mostrado aumentos significativos na atualidade, sendo que a internacionalização impulsionou de forma especial o intercâmbio dos estudantes de graduação. Para a autora, a maioria das instituições acadêmicas, porém, ainda não investe como deveria na preparação dos seus estudantes para a vivência do intercâmbio, sendo que o foco dos programas de mobilidade, a fim de tornar a experiência rica tanto para o estudante quanto para a instituição, deveria ser

“A verificação do perfil do estudante e do nível de proficiência em línguas estrangeiras; a identificação dos objetivos pelos quais ele pretende se deslocar para outro país; a qualidade e a quantidade de

informações disponíveis e, especialmente, a preparação desses estudantes para a convivência com uma cultura estrangeira (p.105)

Diversos autores se debruçam sobre questões que envolvem a adaptação dos estudantes intercambistas no país de destino. Hunley (2010) atenta para o sentimento de solidão que é comum entre estudantes intercambistas, uma vez que estes saem do seu ambiente de apoio já conhecido. Segundo a autora, quanto maior for o sofrimento e a solidão experienciados pelo estudante, mais pobre será seu desempenho durante sua experiência de intercâmbio. Para a autora:

Os programas de intercâmbio estudantil deveriam levar em conta as necessidades de saúde mental de seus participantes antes e também durante a experiência de estudo no exterior. Os treinamentos interculturais e os programas de orientação deveriam incluir discussões acerca dos sinais de stress psicológico, dos possíveis impactos desse stress para o estudante e das habilidades que os estudantes poderiam usar durante o intercâmbio para otimizar sua saúde mental (...) (p.391)

Matsumoto, Hirayama e LeRoux (2006), investigando os componentes psicológicos que estão associados a uma positiva adaptação intercultural (regulação da emoção, pensamento crítico, abertura ao novo e flexibilidade) utilizando a escala ICAPS (Intercultural Adjustment Potential Scale), verificaram que indivíduos com um maior potencial de adaptação para viver em outra cultura seriam hábeis em regular a própria emoção, abertos e flexíveis a novas experiências e aptos a pensar de forma crítica.

Baldissara (2005) chama atenção para um dos principais empecilhos presentes nas migrações, que é o choque cultural. De acordo com a autora, o termo foi usado inicialmente em 1960 pelo antropólogo Kalervo Oberg, a respeito da maneira como as pessoas reagem a lugares estranhos. Rogers e Steinfatt (1999) conceituam o choque cultural como

uma experiência traumática que um indivíduo pode encontrar ao entrar em outra cultura. É um desconforto físico e emocional, que o indivíduo enfrenta ao mudar para outro lugar diferente de seu lugar de origem. A forma como ele vivia anteriormente deixa de ser considerada normal e passa a ser considerada estranha aos indivíduos que habitam esse novo ambiente. (p.212)

Para Sebben (2000), o conceito de choque cultural descreve diversos e importantes conflitos que surgem das dificuldades encontradas na mudança de repertório que acontece nas migrações. Segundo a autora, como as migrações implicam em transformações, perdas e reconquistas, algumas dificuldades moderadas são comuns, como sintomas psicológicos e somáticos, por exemplo. Em sua pesquisa com adolescentes intercambistas, Sebben (2000) demonstra que todos os indivíduos apresentaram sintomas em algum nível durante os quatro primeiros meses no exterior, como, por exemplo, sono aumentado ou dificuldade para dormir, dores de cabeça e nas costas e irregularidade intestinal. A perda da identidade no sujeito que migra, por exemplo, é outra das desorganizações possíveis, mas, com suficiente capacidade de elaboração, o sujeito pode não somente superar tal crise, mas aumentar seu potencial saudável e criativo. (Sebben, 2000)

Rogers e Steinfatt (1999) descrevem o choque cultural dentro do modelo de Gullahorn e Gullahorn (1963), com a idéia da *W-curve*, que divide em diferentes etapas os momentos de choque cultural vivenciados pelo migrante – desde um estágio inicial de curiosidade com a nova cultura onde ainda há forte conexão com o país de origem, até um momento em que diferenças e semelhanças entre as culturas são aceitas com maior tranquilidade, podendo também existir uma fase onde um novo choque é sentido, quando da volta ao país de origem. Os estágios seriam:

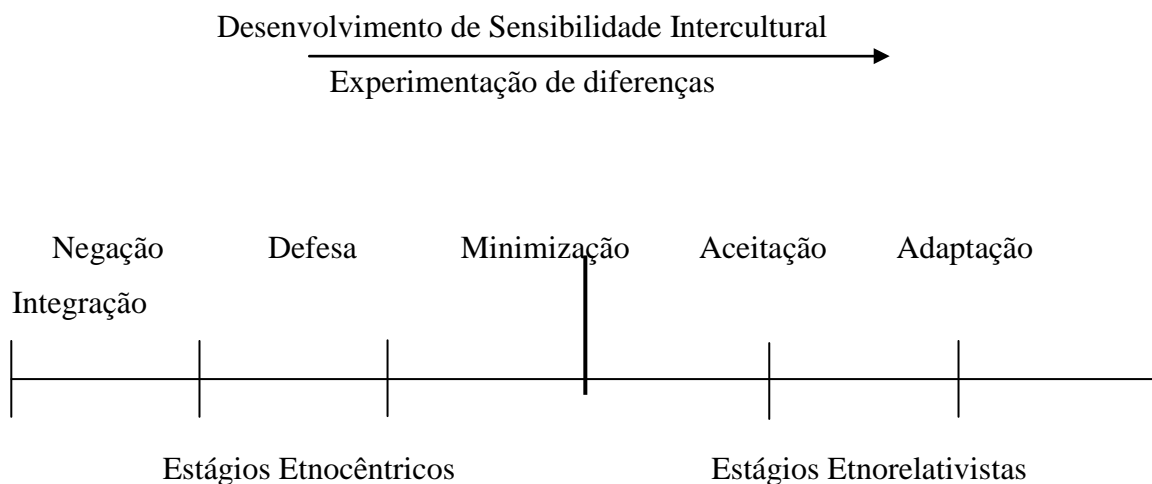
- *the honeymoon stage*, o estágio lua de mel: fase da chegada ao outro país, há curiosidade em experimentar os diferentes aspectos culturais, o novo. Ainda existe uma grande conexão com o país de origem, amigos e familiares.
- *the distress stage*, o estágio da angústia: surgem desconfortos decorrentes das diferenças culturais, como a nova língua e os

hábitos diferentes. Predominam os sentimentos de insegurança, ansiedade, tristeza e saudades do que até então era conhecido no país de origem.

- *re-integration stage*, o estágio da reintegração: início de um maior entendimento da nova cultura, que já não é tão desconfortável; surgem as comparações entre hábitos antigos e novos.
- *autonomy stage*, o estágio da autonomia: surge um sentimento de pertencimento à nova cultura e um maior funcionamento dentro dos novos costumes; há o reconhecimento das diferenças culturais e o entendimento de que ambas têm seus pontos positivos e negativos.
- *re-entry shock*, o estágio de re-entrada: diferente para cada indivíduo, se dá na volta ao país de origem, quando alguns dos hábitos adquiridos na nova cultura já não tem o mesmo significado; haverá uma nova adaptação.

Stalivierri (2009) chama atenção para a importância de se tratar com seriedade questões interculturais como, por exemplo, o choque cultural, envolvidas dentro do processo de internacionalização das universidades que tanto almejam preparar profissionais globalmente competentes.

Gacel-Avila (2003) cita o modelo intercultural de Milton Bennett, o *Developmental Model of Intercultural Sensitivity (DMIS)* e seu conceito de sensibilidade intercultural, como importante ferramenta para que se atinja o objetivo principal da internacionalização, que é educar para uma convivência pacífica entre os povos. De acordo com Bennett e Bennett (2004) O DMIS não é um modelo de mudanças comportamentais ou de atitudes, mas sim de desenvolvimento de estrutura cognitiva. Segundo os autores, o ponto central do modelo é o de que a competência intercultural de um indivíduo aumentará quanto mais sofisticada se tornar sua vivência das diferenças culturais. O modelo está dividido em seis estágios e, para os autores, cada estágio indica uma visão de mundo particular, sendo que certos comportamentos e atitudes são associados com cada configuração. Os três primeiros estágios são etnocêntricos, onde a própria cultura é tida como o centro da realidade, e os três últimos estágios são etnorrelativistas, onde a própria cultura é experienciada em relação às outras, que também são prezadas pelo sujeito.



Figural. The Developmental Model of Intercultural Sensitivity (DMIS).

Bennett e Bennett (2004), entre outros autores, diferenciam os seis estágios do DMIS. O primeiro estágio é a *Negação*, onde o sujeito percebe sua cultura como a única real, recusando-se a perceber diferenças culturais. No estágio *Defesa*, a própria cultura é tida como a única que é boa de fato e as outras são denegridas. Há a tendência de perceber o mundo como “eles” e “nós”, onde o “nós” é superior. Na *Minimização*, elementos da própria cultura são tidos como universais, mas as diferenças são, agora, reconhecidas. Há, porém, minimização da sua significância – semelhanças com a própria cultura são valorizadas e diferenças são banalizadas. O quarto estágio é a *Aceitação*, onde a própria cultura é tida apenas como uma das muitas visões de mundo possíveis, e onde o outro que é percebido como diferente é tido como igualmente humano. Na *Adaptação*, há um processo de acumulação, onde novos comportamentos são aprendidos e unidos aos comportamentos pessoais. Há o desenvolvimento de empatia, onde se compreende o outro a partir da perspectiva desse outro. No último estágio, *Integração*, o sujeito consegue movimentar-se entre diferentes visões de mundo, que coexistem em si.

Hammer, Bennett e Wiseman (2003) diferenciam os termos “sensibilidade intercultural” e “competência intercultural”. Segundo os autores, o primeiro diz respeito à habilidade de discriminar e experienciar diferenças culturais relevantes e, o segundo, à habilidade de pensar e agir de formas interculturalmente apropriadas. Assim, uma maior sensibilidade intercultural

estaria associada a um maior potencial no exercício de competência intercultural.

Para Bennett (1998) a sensibilidade cultural é “um processo de crescimento pessoal do indivíduo, no seu modo de perceber e de avaliar as diferenças culturais. Nesse processo, o indivíduo alcança níveis superiores em sua capacidade de reconhecer, de se adaptar e de aceitar as diferenças culturais.” (p.22)

Para Stallivieri (2009), os conceitos de Bennett são fundamentais para os atores envolvidos nas migrações estudantis, uma vez que os estudantes de intercâmbio passarão por tais estágios (mesmo que não por todos eles, e com intensidades diferentes), durante o período no exterior. Segundo a autora, “o sucesso de uma atividade realizada por um estudante de intercâmbio internacional está diretamente relacionado com o desenvolvimento de seu nível de competência intercultural e de suas habilidades em comunicação global.” (p.182) Stallivieri (2009) ainda chama atenção para o fato de que o desenvolvimento dessas habilidades não é somente dever do estudante, mas também da universidade, que deve investir em preparações que façam surgir nos estudantes o desejo e o entendimento da importância de se conhecer a outra cultura.

Algumas pesquisas descreveram o impacto da experiência de estudar fora do país de origem. Segundo Salisbury, Umbach, Paulsen e Pascarella (2009), estudos têm demonstrado que os jovens que realizam intercâmbios estudantis desenvolvem um entendimento mais profundo e respeitoso acerca dos problemas do mundo (Carsello e Creaser, 1976), uma maior aceitação de outras culturas (Carlson e Widaman, 1988), melhora nas habilidades de comunicação intercultural (Anderson et AL. 2006, Williams, 2005), melhora na auto imagem pessoal e profissional (Cushner e Mahon 2002), e uma melhor habilidade na língua estrangeira (Brecht er AL. 1993, Freed, 1995).

Ryan e Twibell (2000), em uma pesquisa envolvendo 476 estudantes universitários que haviam estudado no exterior, observaram que a experiência de estudo em outro país tem também impactos na educação dos alunos, que relatam um aumento no conhecimento acadêmico, no entendimento da língua e do país hospedeiro, além de desenvolvimento pessoal. Os autores reforçam a importância de poder oferecer aos estudantes uma orientação intercultural, a

fim de promover saúde e habilidades de enfrentamento durante a experiência de intercâmbio. Os autores também citam uma pesquisa (Carlson e Widaman, 1988) envolvendo 304 estudantes universitários norte americanos que cursaram o primeiro ano em outro país, em comparação com 519 estudantes que estudaram no próprio país, cujos resultados revelaram, no primeiro grupo, um aumento nos níveis de preocupação política internacional, interesse intercultural e cosmopolitanismo cultural, concluindo que a experiência de estudar fora pode contribuir para uma maior sensibilização internacional, uma vez que cria atitudes e comportamentos que nutrem um maior entendimento das questões internacionais.

Com benefícios e implicações para o estudante que irá migrar para outro país, a realização de intercâmbios tem aumentado significativamente nos últimos tempos, o que pode ser facilmente observado nas diversas ofertas de possibilidades desse tipo de viagem para a população jovem adulta. Observando dados elaborados por Stallivieri (2009) sobre o Programa de Mobilidade Acadêmica Internacional da Universidade de Caxias do Sul (universidade que, segundo a autora e, de acordo com pesquisas realizadas pelo Fórum das Assessorias das Universidades Brasileiras para Assuntos Internacionais, é uma das instituições do Brasil que mais envia estudantes para o exterior), percebe-se como tem crescido a busca por oportunidades de estudos no exterior nessa instituição. De acordo com Stallivieri (2009), desde 1997, ano em que apenas um aluno viajou em intercâmbio pela instituição, a procura tem crescido anualmente: 59 alunos em 2001, 316 alunos em 2005 e 570 alunos em 2008.

Porém, o aumento da procura pelos intercâmbios não significa que os estudantes estejam se preparando para esse tipo de experiência. No estudo de Stallivieri (2009), por exemplo, mais da metade da amostra de intercambistas pesquisados buscou informações sobre o país de destino apenas de forma informal, sem demonstrar um interesse ativo e sistemático em conhecer de modo mais aprofundado a cultura do país antes do intercâmbio. Isso sugere que os intercambistas parecem não planejar muito essa experiência, adotando uma postura mais de reação frente à experiência intercultural do que de preparação para a mesma.

Assim, este estudo teve por objetivo descrever as motivações de um grupo de estudantes universitários para a realização de intercâmbio acadêmico internacional, assim como investigar se estes estudantes anteviam possíveis desafios ou dificuldades na adaptação ao país de destino e se percebiam-se preparados para lidar com essas dificuldades. Espera-se que os resultados desse estudo possam oferecer subsídios para programas de preparação de estudantes para a experiência de intercâmbio.

CAPÍTULO II

MÉTODO

2.1 Participantes

Participaram do estudo 25 estudantes universitários (52% mulheres), todos solteiros, que iriam realizar viagem de estudos no segundo semestre de 2011. Este número corresponde a 41% dos estudantes da Universidade de Caxias do Sul que saíram para realizar intercâmbio nesse período. As idades variaram de 19 a 45 anos, com média de 23,0 anos (DP=5,0). Os alunos frequentavam os seguintes cursos (entre parênteses o número de estudantes): Direito (6), Comércio Internacional (5), Arquitetura (2), Farmácia (2), Jornalismo (1), Economia (1), Engenharia de Produção (1), Engenharia Mecânica (1), Engenharia Química (1), Medicina (1), Nutrição (1), Psicologia (1), Publicidade e Propaganda (1) e Relações Públicas (1). Em relação ao status ocupacional, 87,5% declararam-se como estudantes (ou estagiários), e 12,5% como profissionais (empresário ou projetista). Uma pessoa não declarou seu status ocupacional. Quanto ao destino para a viagem de estudos, foram mencionados os seguintes países: Portugal (32%), Espanha (24%), Estados Unidos (16%), Argentina (12%), Alemanha (4%), França (4%), Suíça (4%) e Macau (4%). O tempo previsto de duração do intercâmbio foi assim distribuído: 6 meses (68%), 12 meses (16%), 5 meses (12%) e 4 meses (4%).

2.2 Instrumentos

Foi utilizado um instrumento desenvolvido especialmente para esta pesquisa (Anexo A), organizado em três blocos. No primeiro foram coletados dados demográficos como idade, sexo, estado civil, curso e semestre no curso. No segundo bloco foram avaliadas as motivações para a realização do intercâmbio, através de questões fechadas respondidas em formato Likert (esta parte do instrumento foi elaborada com base no trabalho de Stallivieri, 2009). Por fim, no terceiro bloco os participantes responderam a uma pergunta aberta onde indicaram possíveis desafios ou dificuldades que imaginavam poder enfrentar na experiência de intercâmbio, as habilidades que julgavam necessárias para lidar com essas dificuldades e o quanto avaliavam estar

preparados para enfrentar essas dificuldades (esta última informação não foi analisada posteriormente).

2.3 Delineamento

Esta é uma pesquisa descritiva de tipo levantamento, com tratamento quantitativo dos dados.

2.4 Procedimentos

Inicialmente, entrou-se em contato com a Universidade de Caxias do Sul (UCS), que oferece a seus alunos a possibilidade de intercâmbios universitários em instituições de ensino de diversos países. Após a apresentação da idéia do projeto, a instituição colocou-se favorável à realização da pesquisa e autorizou o contato com possíveis participantes através de um cadastro existente, tendo assinado um termo de concordância institucional (Anexo B). Os potenciais participantes foram então convidados a participar da pesquisa. A aplicação dos questionários foi agendada conforme conveniência, sendo realizada na própria instituição. Antes da aplicação do instrumento os objetivos da pesquisa foram esclarecidos aos estudantes, sendo assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo C). Esta pesquisa foi aprovada previamente pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS.

2.5 Análise dos dados

Os dados do bloco relacionado às motivações foram analisados descritivamente através de médias, desvios-padrões e frequências de respostas. Os dados do bloco relacionado às percepções de desafios e dificuldades foram analisados, primeiramente, utilizando-se a técnica de análise de conteúdo (Bardin, 1977). O objetivo foi identificar as categorias de desafios ou dificuldades indicados pelos participantes, assim como as categorias de habilidades consideradas necessárias para lidar com as situações. Uma vez feita a categorização, foram feitas análises de frequências para identificar as categorias mais frequentes.

CAPÍTULO III

RESULTADOS

A saliência de cada uma das motivações para a realização do intercâmbio (questões fechadas do instrumento) é exibida na Tabela 1, em ordem decrescente de importância, conforme as médias obtidas. Como se pode observar, todas as motivações apresentadas foram avaliadas como ao menos medianamente importantes (média 3) para a decisão de realizar estudos no exterior (exceto a última, cuja média foi muito próxima de 3). Em especial, destacam-se como motivações mais fortes a busca por aprimoramento nos conhecimentos específicos e a procura por ampliar a visão de mundo. Um participante mencionou, em uma questão aberta relacionada às motivações, “realização amorosa” como motivo para o intercâmbio.

Tabela 1

Motivações para a Realização do Intercâmbio

Motivação	M	DP	Frequência por resposta (%)				
			1	2	3	4	5
Aprimorar meus conhecimentos na minha área de estudos.	4,88	0,33	0,0	0,0	0,0	12,0	88,0
Ampliar a minha visão de mundo.	4,72	0,54	0,0	0,0	4,0	20,0	76,0
Viajar e conhecer lugares novos.	4,24	0,93	4,0	0,0	8,0	44,0	44,0
Aprender com a nova cultura, experimentando diferenças.	4,24	0,78	0,0	0,0	20,0	36,0	44,0
Fazer contatos acadêmicos e/ou profissionais que eu possa usar no futuro.	4,20	0,87	0,0	8,0	4,0	48,0	40,0
Obter um certificado de experiência internacional que agregue valor ao meu currículo.	4,16	0,90	0,0	4,0	20,0	32,0	44,0
Conhecer pessoas com idéias e jeitos de viver diferentes dos meus.	4,04	0,91	0,0	8,3	12,5	45,8	33,3
Fazer novos amigos no exterior.	4,00	0,96	0,0	4,0	32,0	24,0	40,0

Aprimorar ou aprender uma outra língua.	3,96	1,43	12,0	4,0	16,0	12,0	56,0
Desafiar o meu jeito de pensar e ver o mundo a partir do contato com uma outra cultura.	3,88	1,09	4,0	12,0	4,0	52,0	28,0
Ter a oportunidade de enfrentar sozinho(a) situações vão me ajudar a desenvolver minha capacidade de resolver problemas.	3,84	1,31	12,0	4,0	8,0	40,0	36,0
Me divertir aproveitando o que o lugar tem para oferecer.	3,84	1,18	4,0	8,0	28,0	20,0	40,0
Ter a oportunidade de vivenciar experiências que exigirão de mim iniciativa e responsabilidade.	3,72	1,21	8,0	4,0	28,0	28,0	32,0
Interagir com a comunidade na qual vou me inserir (participar de atividades culturais etc).	3,64	1,11	4,0	8,0	36,0	24,0	28,0
Ter uma oportunidade para me conhecer melhor.	3,20	1,41	16,0	16,0	24,0	20,0	24,0
Ter a oportunidade de tomar decisões com autonomia, sem a supervisão de ninguém.	3,12	1,09	12,0	8,0	44,0	28,0	8,0
Contribuir para com a comunidade na qual vou me inserir.	3,12	0,93	8,0	8,0	52,0	28,0	4,0
Ter a oportunidade de dar um "tempo" da vida que levo atualmente.	2,92	1,35	24,0	12,0	20,0	36,0	8,0

Em relação às dificuldades e aos desafios antecipados, bem como às habilidades necessárias para enfrentá-los, as respostas foram analisadas e categorizadas quanto ao conteúdo. Dois participantes não responderam a esta parte do instrumento. A Tabela 2 traz os resultados obtidos nessa análise. As dificuldades ou desafios mencionados pelos participantes totalizaram 88 respostas, que foram classificadas em 14 categorias (ver anexo A para uma definição dessas categorias). A coluna “Fa” traz o número total de respostas enquadradas em cada categoria, enquanto a coluna “Fr” traz a frequência relativa (percentual). Deve-se ressaltar que esses percentuais referem-se às categorias (proporção de respostas dentro de cada categoria em relação ao total

de respostas) e não aos participantes (um mesmo participante pode ter indicado mais de uma dificuldade ou desafio). Já a coluna “Habilidades necessárias para enfrentar” traz as habilidades mencionadas pelos participantes consideradas necessárias para lidar com cada tipo de dificuldade ou desafio (entre parênteses está indicado o número de vezes que cada habilidade foi citada). Uma vez que poucos participantes (7) indicaram o grau de preparação percebido para lidar com as dificuldades, esse dado não foi considerado nas análises.

Tabela 2

Categorias de Dificuldades e Desafios Antecipados e Habilidades Necessárias

Dificuldade ou desafio antecipado	Fa	Fr (%)	Habilidades necessárias para enfrentar
a) adaptação cultural	18	20,5	- abertura ao novo, tolerância e respeito (11) - comunicação/sociabilidade (1) - adaptabilidade (3) - comunicação (2) - interagir, praticar, expondo-se (5) - estudo, empenho (5)
b) língua local	16	18,2	- fluência (4) - usar outras línguas (1) - viajar acompanhado (1)
c) adaptação ao ensino	13	14,8	- atenção (4) - estudo/dedicação (7) - abertura ao novo (2) - comunicação (2)
d) saudade	12	13,6	- manter contato (internet, etc.) (3) - envolver-se com atividades e pessoas (2) - valorizar o apoio da família e o próprio desejo de viajar (3) - objetividade e confiança (3)
e) alimentação	7	8,0	- cautela (1) - curiosidade e abertura as diferenças (4)
f) dinheiro	5	5,7	- controle (2) - compreensão da moeda/conversão (2)

g) localização geográfica	5	5,7	- usar mapas (2) - comunicação (4) - calma e atenção (2) - locais de referencia (1)
h) moradia	3	3,4	- responsabilidade e maturidade (2) - amizade/coleguismo (1)
i) solidão	3	3,4	- responsabilidade (2) - fazer novos amigos (1) - ter estabilidade emocional (1)
j) transportes	2	2,3	- adaptar-se à falta de um carro (1) - estudar o sistema de transporte (1) - pedir informações (1) - utilizar mapas (1)
k) encontro consigo mesmo	1	1,1	- auto-observação (1)
l) preconceito	1	1,1	- tolerância (1) - representar de forma positiva a mulher brasileira (1)
m) timidez	1	1,1	- perder a timidez (1) - flexibilidade (1)
n) conhecer o local	1	1,1	- curiosidade (1)

Nota: Fa – frequência absoluta; Fr – frequência relativa

Como análise complementar, buscou-se fazer uma categorização das motivações elencadas na parte fechada do instrumento. O objetivo desta análise, não prevista anteriormente, foi identificar aspectos comuns às expectativas elencadas, de forma a ampliar as possibilidades de interpretação dos resultados. Essa análise levou à identificação de três grandes grupos de motivações: motivações acadêmicas, motivações relacionadas a crescimento pessoal e motivações relacionadas a lazer. A classificação de cada motivação nessas categorias é apresentada na Tabela 3, seguindo a mesma ordem de importância já apresentada na Tabela 1 (da mais importante para a menos importante). Verifica-se que as três primeiras motivações correspondem a cada

uma das categorias identificadas, vindo em primeiro lugar uma motivação acadêmica, seguida de uma de crescimento pessoal e por fim uma de lazer.

Tabela 3

Tipos de Motivações: Acadêmicas, de Crescimento Pessoal e de Lazer

Ordem	Motivação	Motivação Acadêmica	Crescimento pessoal	Lazer
1	Aprimorar meus conhecimentos na minha área de estudos.	X		
2	Ampliar a minha visão de mundo.		X	
3	Viajar e conhecer lugares novos.			X
4	Aprender com a nova cultura, experimentando diferenças.		X	
5	Fazer contatos acadêmicos e/ou profissionais que eu possa usar no futuro.	X		
6	Obter um certificado de experiência internacional que agregue valor ao meu currículo.	X		
7	Conhecer pessoas com idéias e jeitos de viver diferentes dos meus.		X	
8	Fazer novos amigos no exterior.		X	
9	Aprimorar ou aprender uma outra língua.	X		
10	Desafiar o meu jeito de pensar e ver o mundo a partir do contato com uma outra cultura.		X	
11	Ter a oportunidade de enfrentar sozinho(a) situações vão me ajudar a desenvolver minha capacidade de resolver problemas.		X	
12	Me divertir aproveitando o que o lugar tem para oferecer.			X
13	Ter a oportunidade de vivenciar experiências que exigirão de mim iniciativa e responsabilidade.		X	
14	Interagir com a comunidade na qual vou me inserir (participar de atividades culturais etc).		X	
15	Ter uma oportunidade para me conhecer melhor.		X	

16	Ter a oportunidade de tomar decisões com autonomia, sem a supervisão de ninguém.	X
17	Contribuir para com a comunidade na qual vou me inserir.	X
18	Ter a oportunidade de dar um "tempo" da vida que levo atualmente.	X

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO

A partir da análise do conteúdo dos questionários respondidos pelos participantes, é possível discutir questões referentes aos objetivos dessa pesquisa - descrever as motivações de um grupo de estudantes universitários para a realização de intercâmbio acadêmico internacional, assim como investigar se estes estudantes anteviam possíveis desafios ou dificuldades na adaptação ao país de destino. Infelizmente, não foi possível avaliar o grau de preparação para lidar com essas dificuldades, uma vez que poucos participantes responderam a questão relativa a essa variável no instrumento.

Observa-se que cada uma das três motivações mais citadas pelos participantes para a realização do intercâmbio - “aprimorar meus conhecimentos na minha área de estudos”, “ampliar minha visão de mundo”, e “viajar e conhecer lugares novos” (Tabela 1) corresponde a um dos tipos de motivação citados na Tabela 3 (respectivamente, motivação acadêmica, de crescimento pessoal e de lazer). Tal dado pode sugerir que não exista um objetivo definido do jovem em relação à experiência de intercâmbio, ou seja, que antes da viagem, não fique claro para o estudante o que de fato está buscando com o intercâmbio. Apesar da motivação mais citada dizer respeito ao desenvolvimento acadêmico, esse conteúdo só aparece novamente quatro itens depois, com a motivação “fazer contatos acadêmicos e/ou profissionais que eu possa usar no futuro”. Da mesma forma, a motivação “obter um certificado de experiência internacional que agregue valor ao meu currículo” está em sexto lugar. Tais dados podem sugerir que, apesar de o desenvolvimento acadêmico ser lembrado pelos participantes como uma motivação importante para a realização do intercâmbio, não parece haver um planejamento estratégico para que a experiência esteja, de fato, voltada à questão curricular.

No que diz respeito às motivações referentes a questões de crescimento pessoal, de forma similar aparece um paradoxo – apesar de se desejar uma inserção na nova cultura a fim de conhecê-la e “ampliar a visão de mundo” (segunda motivação mais citada), percebe-se que a mudança pessoal possível

de acontecer nesse encontro não é igualmente esperada, uma vez que a maior concentração de motivações dessa classe concentram-se no fim da tabela. Assim, parece também não haver um planejamento quanto à possibilidade de desenvolvimento/crescimento pessoal através da experiência de intercâmbio.

O item que obteve a menor média enquanto motivação para o intercâmbio (“ter a oportunidade de dar um tempo da vida que levo atualmente”), foi, ao mesmo tempo, avaliado por 36% dos participantes como algo, apesar de não essencial, esperado e importante na experiência de intercâmbio. Tais dados sugerem que a idéia de “dar um tempo”, que pode ser entendida mais como uma idéia de fuga do que de formação, merece ser explorada em estudos futuros e, além disso, trabalhada em programas de preparação para a experiência de intercâmbio – afinal, seria o intercâmbio acadêmico o mais indicado para atingir tal objetivo, uma vez que, atualmente, diversas modalidades de intercâmbio existem? Que espécie de tempo seria esse? Para qual objetivo ele serviria? Pensa-se que, com uma maior preparação e, conseqüentemente, com os objetivos para com a experiência de intercâmbio mais claros para o próprio estudante, a experiência pode tornar-se mais proveitosa.

Observando as habilidades que foram citadas pelos participantes como necessárias no enfrentamento de dificuldades/desafios da experiência de intercâmbio (Tabela 2), é possível agrupá-las em dois grandes planos – um plano adaptativo comportamental, que diz respeito a lidar com fatores como a língua local, o sistema de ensino, a alimentação, lidar com dinheiro, os meios de transporte, etc., e um plano adaptativo de sentido, que incluiria construir um sentido pessoal à experiência de estar em um local desconhecido e inserido em uma nova cultura e, portanto, ter que lidar com sentimentos de solidão, estranheza ao novo, etc.

É possível observar que as habilidades citadas pelos participantes no enfrentamento das dificuldades inseridas no plano adaptativo comportamental são muito mais objetivas e exigem um posicionamento muito mais ativo do que as citadas dentro do plano adaptativo de sentido. Segundo Gmelch (1997), mesmo que freqüentemente os estudantes aprendam sobre a outra cultura de forma superficial, muito do benefício pessoal provindo da viagem vem da

necessidade de tomar decisões e lidar com diversas demandas em um ambiente que lhes é completamente novo.

Percebe-se, porém, que a referência dos participantes a uma atitude mais passiva no que diz respeito ao plano adaptativo de sentido (utilização de expressões como “tolerância”, “abrir-se ao novo”, “paciência”, etc. enquanto habilidades de enfrentamento) e não a habilidades de inserção – que insinuariam um “mergulho” ativo na nova cultura, no que tange, principalmente, à vivência da alteridade, pode sugerir que, em termos de preparação desses jovens para a experiência de intercâmbio, tal aspecto esteja sendo superficialmente trabalhado. Em função disso, muito do crescimento almejado com a experiência de intercâmbio no atual cenário mundial globalizado, no que diz respeito à compreensão da cultura diferente em direção a uma cultura de paz, desenvolvimento de competência intercultural e de habilidades em comunicação global, deixa a desejar. Novamente, pensa-se que com uma adequada preparação dos estudantes para a experiência de intercâmbio, que inclua, por exemplo, treinamentos interculturais, os ganhos da vivência sejam maximizados tanto para o estudante como para a instituição de ensino que o acompanha.

REFERÊNCIAS

- Arnett, J. J. (2002) The Psychology of Globalisation [Versão Eletrônica]. *American Psychologist*, 57(10), 774-783.
- Baldissara, S. G. (2005) *Relação Intercultural: um encontro existencial pela perspectiva do intercâmbio cultural*. Acesso em 10 de março, 2011, de http://www.afs.org.br/novo/Docs/34200810252_Relação_Intercultural_Samantha_Monografia.pdf
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bennett, M. (1998) *The development model of intercultural sensitivity*. Yarmouth: SIIC
- Bennett, J.M. e Bennett, M.J. (2004). Developing Intercultural Sensitivity: an integrative approach to global and domestic diversity. In D. Landis, J. M. Bennett & M. J. Bennett (Eds.), *Handbook of intercultural training* (3ªed.) (147-165). Califórnia: Sage Publications Inc
- Dreher, A. & Poutvaara, P. (2005). *Student flows and migration: an empirical analysis*. Acesso em 5 de Abril, 2011, de <http://ssrn.com/abstract=731765>
- Gacel-Avila, J. (2003) *La internacionalización de La educación superior: paradigma para una educación global*. México: CUSCH
- Giddens, A. (2001) *O mundo na era da globalização*. (3ª Ed.; S. Barata, Trad.). Lisboa: Editorial Presença. (Trabalho original publicado em 2000)
- Gmelch, G. (1997). Crossing cultures: Student travel and personal development. *International Journal of Intercultural Relations*, 21(4), 475-490.
- Hammer, M. R., Bennett, M. J., & Wiseman, R. (2003). Measuring intercultural sensitivity: The intercultural development inventory. *International Journal of Intercultural Relations*, 27(4), 421-443.
- Houaiss, A.; Villar, M. de S. & Franco & F. M de M. (2001) *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Hunley, H. A. (2010). Students' functioning while studying abroad: The impact of psychological distress and loneliness. *International Journal of Intercultural Relations*, 34(4), 386-392.
- Martine, G. (2005). A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21. *São Paulo em perspectiva*, 23(1), 3-22.

- Matsumoto, D., Hirayama, S., LeRoux, J. A. (2006) Psychological skills related to intercultural adjustment. [Versão eletrônica] In P.T.P. Wong & L.C.J. Wong (Eds.), *Handbook of multicultural perspectives on stress and coping*, (pp. 387-405). Boston, MA: Springer US.
- Ministério do Turismo (2010). *Turismo de estudos e intercâmbio: orientações básicas*. 2ª Edição. Acesso em 23 de março, 2011, de <http://www.turismo.gov.br>
- Reis, H. (s.d) *Globalização, interculturalidade e mídia digital*. Acesso em 5 de abril, 2011, de http://w3.ualg.pt/~apaiva/psictic/2007_2008/Recursos_Ensaios/TV_educacao_interculturalidade/media_global_interculturalidade.pdf
- Rogers, E. M. e Steinfatt, T. M. (1999) *Intercultural communication*. Long Grove: Waveland Press.
- Ryan, M. E., & Twibell, R. S. (2000). Concerns, values, stress, coping, health and educational outcomes of college students who studied abroad. *International Journal of Intercultural Relations*, 24(4), 409-435.
- Salisbury, M. H.; Umbach, P. D.; Paulsen, M. B. & Pascarella, E. T., (2008). Going global: understanding the choice process of the intent to study abroad. *Research in Higher Education*, 50(2) 119-143
- Sebben, A. (2000). *Um estudo exploratório sobre intercâmbio cultural entre adolescentes brasileiros com a contribuição da psicologia e da educação intercultural*. Dissertação de mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil.
- Stallivieri, L. (2009) *As dinâmicas de uma nova linguagem intercultural na mobilidade acadêmica internacional*. Tese de doutorado não-publicada, Programa de Doutorado em Línguas Modernas da Universidad Del Salvador. Buenos Aires, Argentina.

ANEXO A

Pesquisa sobre a experiência de intercâmbio estudantil internacional

Prezado estudante: estamos realizando uma pesquisa sobre expectativas em relação à experiência de intercâmbio internacional de estudantes e gostaríamos de contar com a sua colaboração. Para isso, basta responder o questionário abaixo. Não existem respostas certas ou erradas, o que importa é a sua opinião. Desde já agradecemos a sua colaboração.

a) Iniciais do nome:

b) Idade:

c) Estado Civil:

d) Curso:

e) Semestre no curso:

f) Ocupação:

g) Idade na realização o intercâmbio:

h) Tempo de duração do intercâmbio:

i) País de destino:

Abaixo são descritas várias possíveis motivações relacionadas à experiência de intercâmbio internacional. Avalie a importância de cada um dos itens no que diz respeito às suas expectativas em relação a essa experiência. Use a escala de respostas abaixo:

1	Eu não procuro isso na experiência de intercâmbio (ou obter isso com o intercâmbio). Não é importante para mim na decisão de fazer o intercâmbio.
2	Eu não estou procurando isso na experiência de intercâmbio (ou obter isso com o intercâmbio), mas acho que pode ser interessante. É pouco importante para mim na decisão de fazer o intercâmbio.
3	Eu espero encontrar isso na experiência de intercâmbio (ou obter isso com o intercâmbio), mas não é uma motivação central. É medianamente importante para mim na decisão de fazer o intercâmbio.
4	Eu espero encontrar isso na experiência de intercâmbio (ou obter isso com o intercâmbio), sendo uma motivação forte, mas não essencial. É importante para mim na decisão de fazer o intercâmbio.
5	Eu realmente espero encontrar isso na experiência de intercâmbio (ou obter isso com o intercâmbio), sendo que é algo essencial nas minhas expectativas. É muito importante para mim na decisão de fazer o intercâmbio.

Item	Resposta
Ter a oportunidade de tomar decisões com autonomia, sem a supervisão de ninguém.	1 2 3 4 5
Ter a oportunidade de vivenciar experiências que exigirão de mim iniciativa e responsabilidade.	1 2 3 4 5
Ter a oportunidade de enfrentar sozinho(a) situações vão me ajudar a desenvolver minha capacidade de resolver problemas.	1 2 3 4 5
Aprimorar meus conhecimentos na minha área de estudos.	1 2 3 4 5
Fazer contatos acadêmicos e/ou profissionais que eu possa usar no futuro.	1 2 3 4 5
Aprimorar ou aprender uma outra língua.	1 2 3 4 5
Obter um certificado de experiência internacional que agregue valor ao meu currículo.	1 2 3 4 5
Viajar e conhecer lugares novos.	1 2 3 4 5
Fazer novos amigos no exterior.	1 2 3 4 5
Me divertir aproveitando o que o lugar tem para oferecer.	1 2 3 4 5
Ter a oportunidade de dar um “tempo” da vida que levo atualmente.	1 2 3 4 5
Ter uma oportunidade para me conhecer melhor.	1 2 3 4 5
Interagir com a comunidade na qual vou me inserir (participar de atividades culturais etc).	1 2 3 4 5
Contribuir para com a comunidade na qual vou me inserir.	1 2 3 4 5
Desafiar o meu jeito de pensar e ver o mundo a partir do contato com uma outra cultura.	1 2 3 4 5
Conhecer pessoas com idéias e jeitos de viver diferentes dos meus.	1 2 3 4 5
Aprender com a nova cultura, experimentando diferenças.	1 2 3 4 5
Ampliar a minha visão de mundo.	1 2 3 4 5

Você tem alguma outra expectativa ou motivação que não foi listada antes? Se sim, por favor descreva abaixo:

Quais os principais desafios ou dificuldades que você acredita que poderá enfrentar em sua experiência de intercâmbio? Que tipos de habilidades ou competências você acha que são necessárias para enfrentar esses desafios ou dificuldades? Quão preparado você se sente para lidar com esses desafios ou dificuldades?

Use a tabela abaixo para elencar tantos desafios ou dificuldades que você imagina que possa vir a enfrentar na sua experiência de intercâmbio (use uma linha para cada desafio ou dificuldade). Se você precisar de mais espaço, solicite uma folha extra à pesquisadora. Para avaliar o seu nível de preparação, use a seguinte escala:

Pouco preparado (tenho pouca ou nenhuma habilidade para lidar com a situação)	1	2	3	4	5	Muito bem preparado (me sinto plenamente capaz de lidar com a situação)
---	---	---	---	---	---	---

Tipo de desafio ou dificuldade	Habilidades ou competências necessárias	Nível de preparação
		1 2 3 4 5
		1 2 3 4 5
		1 2 3 4 5
		1 2 3 4 5
		1 2 3 4 5

ANEXO B

Termo de Concordância Institucional

A Assessoria de Relações Interinstitucionais e Internacionais da Universidade de Caxias do Sul aprova e autoriza a realização da pesquisa intitulada “Jovens universitários e intercâmbio acadêmico” coordenada pelo professor Marco A. P. Teixeira, por ser de interesse institucional, colocando-se à disposição para colaborar no desenvolvimento da mesma.

Caxias do Sul, ____ de _____ de 2011

Assessoria de Relações Interinstitucionais e Internacionais da
Universidade de Caxias do Sul

ANEXO C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTUDO: “Jovens universitários e intercâmbio acadêmico”

Este estudo consiste em um trabalho de conclusão de curso, requisito para a Pós-graduação em Psicologia – Especialização em Psicologia Cognitiva e Comportamental da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e tem como finalidade conhecer melhor as motivações de estudantes universitários para a realização de intercâmbio acadêmico internacional, assim como investigar se estes estudantes antevêm possíveis desafios ou dificuldades na adaptação ao país de destino e se percebem-se preparados para lidar com essas dificuldades. Espera-se que os resultados desse estudo nos ajudem a compreender melhor o significado da experiência de intercâmbio acadêmico para os jovens universitários e possa contribuir com os programas de preparação de estudantes para essa experiência. Para tanto, estamos aplicando um questionário que toma aproximadamente quarenta minutos para ser respondido, sem identificação nominal. Embora esta pesquisa não traga nenhum benefício direto aos participantes, a sua colaboração poderá contribuir para a construção de conhecimento científico nesta área e beneficiar perspectivas de intervenção psicológicas futuras. O único incômodo previsto é o de disponibilizar o tempo para responder ao instrumento. É importante salientar que a sua participação na pesquisa é voluntária; portanto, caso não queira participar você não precisa assinar este termo. Você também pode interromper sua participação a qualquer momento, se assim desejar, sem qualquer prejuízo para você. Os resultados globais da pesquisa serão publicados posteriormente em algum periódico científico da área de psicologia, porém com o seu anonimato assegurado.

Esta pesquisa é coordenada pelo Prof. Marco A. P. Teixeira, do Instituto de Psicologia da UFRGS, com quem podem ser obtidas maiores informações, caso seja do seu interesse (e-mail: mapteixeira@yahoo.com.br ou telefone 33085454). Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS (telefone 33085066; e-mail: cep-psico@ufrgs.br).

Pelo presente Termo de Consentimento, eu, _____ declaro que sou maior de 18 anos e que fui informado dos objetivos e da justificativa da presente pesquisa, e estou de acordo em participar da mesma. Fui igualmente informado: a) da liberdade de participar ou não da pesquisa, bem como do meu direito de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto me traga qualquer prejuízo; b) da garantia de receber resposta a qualquer dúvida acerca dos procedimentos e outros assuntos relacionados com a pesquisa; c) da segurança de que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações registradas; d) que as informações obtidas através dos questionários serão arquivadas sem identificação pessoal junto ao banco de dados do pesquisador responsável na Universidade Federal do Rio

Grande do Sul; e) que os questionários realizadas serão arquivados sob a guarda do pesquisador responsável na sala 117 do Instituto de Psicologia por cinco anos e depois destruídas.

Data ___/___/___ Assinatura do participante:

Assinatura do pesquisador responsável:
